

RESENHA**Resenha da obra de DEMICK, Barbara. *Nada a Invejar – Vidas comuns na Coreia do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.**

Leandro Blanque Becceneri¹

Olhando do espaço, a maior parte da Coreia do Norte é um lugar escuro e, por conta das circunstâncias e das informações que temos, presumivelmente inóspito. Turistas e agências de ajuda humanitária são permitidos no território norte-coreano, entretanto com severas restrições (DEMICK, 2013, p. 13). Jornalistas são proibidos na maior parte do tempo, podendo adentrar o território apenas em datas especiais e com acompanhamento permanente de agentes do governo. Os visitantes geralmente não são permitidos além de Pyonyang, a capital “vitrine” do país. É nesse contexto que Barbara Demick, jornalista correspondente do *Los Angeles Times*, escreve sobre o país mais fechado do mundo.

Demick produziu sua pesquisa com base em documentos, vídeos, fotos, viagens ao país (como visitante e como membro de uma agência de ajuda humanitária) e principalmente utilizando-se de entrevistas com dissidentes norte-coreanos que haviam fugido para a Coreia do Sul ou cruzado a fronteira para a China (*idem*, p. 12). Essas histórias de vida partem da significação subjetiva que os sujeitos denotavam às suas ações assim como sua vivência cotidiana, produzindo informações sobre a cultura e a sociedade do país, formando um mosaico bastante realista do cotidiano na parte norte da península coreana. Segundo Becker (1994):

A história de vida aproxima-se mais do terra a terra, a história valorizada é a história própria da pessoa, nela são os narradores que dão forma e conteúdo às narrativas à medida que interpretam suas próprias experiências e o mundo no qual são elas vividas. (BECKER, 1994, p. 109).

Tal consideração é importante quando levamos em conta o fato da Coreia do Norte proibir todo e qualquer contato aos seus habitantes, assim como acesso aos dados governamentais do país. Além disso, caso estrangeiros sejam vistos entrevistando habitantes dentro do território ou mesmo portando algum tipo de dado do local, podem ser enquadrados

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2010. Especialista em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2012. Graduando em Gestão Pública pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: leandrobecc@hotmail.com

na lei de espionagem e ser enviados a campos de trabalho forçado por períodos indeterminados.

Outra particularidade política é que o país é governado por uma dinastia de ditadores – Kim Il-sung (1948-1994), Kim Jong-il (1994-2011) e Kim Jong-un (2011-Atualmente) (ABREU, 2002, p. 224), pai, filho e neto que reinam absolutos por mais de sete décadas – um dos pontos chave do livro é mostrar como o culto à personalidade de tais ditadores foi tramado numa junção peculiar de marxismo-leninismo, juntamente com as tradições populares e religiosas do povo coreano.

Quando Barbara Demick mudou-se para Seul, em 2001, como correspondente internacional, seu trabalho era para cobrir ambas as Coreias. Entretanto, devidos às circunstâncias políticas, nenhum contato foi permitido com o povo norte-coreano (pelo menos dentro do território daquele país) (DEMICK, 2013, p.11). Dessa forma, através da conversa com os dissidentes na Coreia do Sul, surgiu um retrato bastante completo da vida cotidiana na República Popular Democrática da Coreia (*DPRK*, em inglês) que ela colocou em palavras para os artigos escritos para o *Los Angeles Times*. O volume de informações impressiona, assim como as referências, os diálogos e os detalhes que a autora consegue retratar no livro.

Depois de sete anos de conversas com os norte-coreanos (em solo sul-coreano), ela decidiu que iria contar suas histórias no livro *Nada a Invejar – Vidas comuns na Coreia do Norte*, um título inspirado por uma famosa canção infantil norte-coreana, que estimula as pessoas locais a se gabarem de poderem viver em tal país, com nada a inveja do resto do mundo. Nada poderia estar mais longe da realidade, como Demick descreve habilmente nesta narrativa da vida na terra do *querido líder*².

No livro, a autora se concentra em entrevistar pessoas que vieram da cidade costeira de *Chongjin*, no norte do país, sendo esta a terceira maior cidade da Coreia do Norte. A escolha desse lugar não foi por acaso e o número de dissidentes provenientes de tal cidade também não é uma coincidência. *Chongjin* foi um dos lugares mais afetados pela terrível fome que se abateu sobre o país na década de 1990. Por conta das condições que a cidade atravessou e por ser um lugar onde pessoas “menos queridas pelo regime” são enviadas, é também quase totalmente fechada aos estrangeiros.

Porém, a Coreia do Norte nem sempre foi um país pobre. No início de sua curta história, o país foi considerado um caso de sucesso do modelo de desenvolvimento econômico comunista. Na década de 1960 o “milagre econômico” coreano ocorreu com o surgimento de

² A denominação *querido líder* é utilizada em referência a Kim Il-sung, fundador da Coreia do Norte.
Vol.3, Nº3. set./dez. de 2014.

indústrias siderúrgicas, vastas plantações e redes de transportes e comunicação que cruzavam o país:

Nos anos 1960, quando intelectuais alardeavam a expressão “milagre econômico” eles se referiam a Coreia do Norte. O mero fato de alimentar toda a população em uma região com longo histórico de penúria era uma façanha, mais ainda por que a brutal divisão da península tinha deixado todas as melhores terras cultiváveis do outro lado da fronteira. (DEMICK, 2013, p. 90).

Entretanto, devido à crise que persiste há várias décadas, o país, assim como a China e o Vietnã, adotou reformas de mercado para tentar dinamizar a economia. Contudo, tais medidas aumentaram o abismo entre a Coreia do Norte e os países vizinhos. A Coreia do Sul, por exemplo, cresceu de forma rápida e consistente, tornando-se um dos países mais ricos do mundo, enquanto seu vizinho ao norte ficava cada vez mais pobre, com sua população sentindo os efeitos da grave crise.

Além disso, durante a década de 1970, fertilizantes, produtos farmacêuticos, máquinas pesadas e equipamentos civis e militares, além de comida, chegavam com um baixo ou nenhum custo vindos dos aliados comunistas da Rússia, Berlim Oriental, Romênia e República Tcheca. Porém, com o colapso da União Soviética e do Bloco comunista do Leste Europeu houve uma brusca diminuição da ajuda e do crédito, o que não poderia ser totalmente substituído rapidamente pelos camaradas chineses (*idem*, p. 93). Assim, a economia do norte que na década de 1960 chegou a ser mais forte que a do sul, estava em queda livre, sem nenhum sinal de recuperação a curto ou médio prazo.

Tema importante e que dita boa parte do desenvolvimento do livro é a questão do fornecimento de energia elétrica, que entrou em colapso a partir do final dos anos 1980. Com isso, fábricas entraram em silêncio. Os salários não eram mais pagos. Cinemas, praças e demais equipamentos de lazer pararam de funcionar (*idem*, p. 95). Porém, o mais grave aconteceu: o abastecimento de alimentos (feito pelo estado através de um cartão que cada família possuía) desapareceu de forma rápida e contínua. Surge aí ponto importante na narrativa do livro e nas histórias dos dissidentes do norte: a fome³ (*idem*, p. 100). Assim, começou uma desesperada busca por comida, com famílias colhendo grama, terra, fezes de animais e cascas de pinheiros (que moídas serviam como substituto de farinha, porém sem propriedades nutritivas além da fibra), na tentativa de afastar a morte. Os animais que podiam

³ O período de fome que ocorreu na Coreia do Norte na década de 1990 é chamado pelo governo e pela mídia local de “Dura Marcha”.

servir de comida foram extensivamente caçados, fazendo desaparecer dos centros urbanos pássaros, peixes e rãs. Até mesmo cachorros foram caçados até quase a extinção.

No ocidente capitalista, os residentes em países comunistas tinham a fama de serem acomodados, uma vez que recebiam tudo do Estado. No entanto, não foi isso que se viu durante a crise alimentar norte coreana, uma vez que as pessoas não se deixariam morrer passivamente (*idem*, p. 178). Quando o sistema de distribuição pública de alimentos foi cortado, as pessoas foram forçadas a usar sua criatividade mais profunda para arrumar um jeito de se alimentar. Criaram armadilhas com baldes e cordas para capturar pequenos animais no campo, redes sobre varandas para apanhar pardais, armadilhas para pegar pombos. Cabe destacar que o governo norte-coreano proibiu a caça de animais, além do cultivo caseiro de hortas para comercialização, sendo liberadas apenas pequenas plantações para o consumo familiar. Porém, quando a crise agravou-se, poucas pessoas ainda ligavam para o que o governo ditava sobre alimentos e políticas proibitivas.

No ano de 1996, a Coreia do Norte enfrentava uma das fomes mais mortais já ocorridas nos tempos modernos. As mortes chegavam à casa dos milhões. Grande parte do livro é dedicada a esse período em que um país imóvel a crise assistiu ao surgimento de um enorme número de crianças abandonadas cujos pais tinham morrido ou sumido em busca de comida (*idem*, p. 214). Também surgiram grupos de mulheres que nunca haviam trabalhado antes, que se transformaram em habilidosas vendedoras de alimentos nos mercados negros do país (todos os mercados eram proibidos, assim como toda a forma de se obter lucro individualmente). Tal proibição só foi retirada no final de 1999:

Milhares de mulheres de meia idade estavam fazendo o mesmo que a Sra. Song. Eram empregadas de si mesmas. Não dirigiam lojas ou mercearias; não ousariam instalar quiosques que eram tão onipresentes na Rússia da perestroika. Em matéria de negócios, elas só sabiam aquilo que lhes havia sido ensinadas – que todo empreendimento privado era egoísta. Mas, por causa da fome e do desespero, estavam reinventando o conceito de uma economia de livre-mercado, o que significava desaprender toda uma vida de propaganda. (DEMICK, 2013, p. 201).

Outro grupo de mulheres, as mais novas e preferencialmente com ensino superior, atravessavam a fronteira com a China através do rio Tumen, a fim de venderem-se em casamentos arranjados com os agricultores chineses. Tais casamentos eram ilegais nos dois países, e o casal poderia ser punido com a deportação da mulher para a Coreia e a prisão do homem na China (*idem*, p. 292). China e Coreia do Norte tem um acordo de extradição de imigrantes ilegais. Contudo, nas cidades da fronteira chinesa é possível encontrar um grande número de norte-coreanos vivendo escondidos e ilegalmente.

Uma característica peculiar, dentre tantas outras, do regime norte-coreano é que no “comunismo” por lá praticado, a sociedade é rigidamente dividida em classes sociais. Demick cita que no país a estrutura de classes é composta por 52 estamentos, sendo que a classe mais alta é formada pelos ditadores e seus parentes, seguida de heróis de guerra, militares, políticos e tendo a classe mais baixa formada por pessoas que lutaram contra o norte na guerra que dividiu a península. Algo que contraria os princípios básicos do comunismo, como presente em *O Manifesto Comunista* de Marx e Engels (2006) onde é proclamada a tese do desaparecimento do Estado como resultado da extinção das classes sociais. O objetivo do comunismo seria atingir o pleno desenvolvimento do indivíduo. Seu objetivo não é submeter o indivíduo à coletividade e sim o contrário, submeter a coletividade ao pleno desenvolvimento de cada indivíduo. Assim, mesmo havendo uma foto de Karl Marx no Edifício do Conselho de Estado, no centro de Pyongyang (ABREU, pág. 210, 2002), e com o regime se declarando como estando no estado mais puro do comunismo, podemos ver as claras contradições no sistema político, econômico e social daquele país.

É através de histórias vividas por seis norte-coreanos comuns, uma médica, um casal de namorados, uma dona de casa, uma operária e um órfão, que Demick descreve o angustiante período da fome, a degradação das instituições básicas do país e também da vida dos norte-coreanos. Ao prosseguir na leitura, a autora desenvolve novos temas que nos ajudam a entender como a Coreia do Norte ainda se mantém de pé e como eles ainda mantêm a população alienada e em total controle e isolamento.

A questão chave é que a Coreia do Norte controla absolutamente todas as formas de comunicação, como estações de rádios, tevê, jornais, livros, revistas e tudo mais que puder ser usado para contato com o mundo externo. Até o início dos anos 2000, o país era o único no mundo não conectado à rede mundial de computadores, apresentando ainda hoje um singular sistema de internet que mais se assemelha a uma intranet, onde poucos podem navegar em limitados sites do governo, em locais como bibliotecas e universidades. Havia também um rigoroso sistema de permissões e passes que proibiu viagens internas (as externas nunca foram permitidas) evitando assim a comunicação de pessoas de diferentes áreas do país (DEMICK, 2013, p. 279). Foi dessa forma que o regime norte-coreano conseguiu manter hermeticamente seus habitantes fora de quaisquer influências externas, e, ao mesmo tempo propagar a crença de que a Coreia do Norte é o paraíso dos trabalhadores na terra.

Mesmo com todas as proibições e vigilâncias, muitos conseguem desertar o país comunista. Desertores obtiveram e continuam obtendo sucesso na fuga para a China e depois

para a Coreia do Sul. Porém, além de toda a dificuldade que envolve a fuga, este ainda não é o final do processo para iniciar uma vida nova. Não é fácil para pessoas que viveram isoladas ganhando menos de um dólar por mês, serem integradas na décima terceira maior economia do mundo. Tais dificuldades geram um processo de estranhamento para os desertores, uma vez que, paradoxalmente, eles estão em seu país, só que do outro lado de uma fronteira sobre o paralelo 38⁴.

Boa parte da propaganda de ambos os lados da DMZ (Zona Desmilitarizada, de mais de 250 km de extensão e 4 km de largura, fortemente vigiada e considerada a área mais militarizada do mundo) é dedicada a mostrar como norte e sul-coreanos são o mesmo país, o mesmo povo (*Um Povo, Uma Nação – Korea is one* dizia o pôster das Olimpíadas de Seul em 1988). Todavia, depois de 60 anos de absoluta separação as diferenças entre as pessoas são significativas. A Coreia do Sul é hoje um dos países tecnologicamente mais avançados do mundo, enquanto as pessoas do norte não tem acesso à internet ou a telefonia móvel. A Coreia do Norte permanece em um longo congelamento cultural e econômico que já duram 60 anos. Por conta disso, mesmo a língua coreana falada em ambos os países já não é mais a mesma. Modificações e apropriações de palavras e sotaques de outros idiomas, como o inglês, modificaram muito a forma como os sul-coreanos falam e se expressam.

Além disso, fisicamente as pessoas do sul têm crescido em média cinco centímetros a mais do que seus compatriotas norte-coreanos, além de apresentarem um aspecto físico muito mais saudável, devido principalmente a abundância de comida e de tratamentos médicos adequados. Outro problema é que as qualidades mais apreciadas na Coreia do Sul são a altura, pele clara, prestígio social, roupas de grife e proficiência em língua inglesa. Essas qualidades são exatamente aquelas que os desertores recém-chegados não possuem, o que torna ainda mais difícil sua inserção em ambientes sociais ou profissionais do sul, tornando-se estrangeiros em sua própria terra (*idem*, p. 339). Além dos aspectos ligados as mudanças materiais, desertores também ficam incomodados por sua situação “transitória” após a fuga de seu país. Muitos fugiram com a convicção de que o regime comunista estava à beira do colapso e que dentro de alguns anos eles estariam de volta para suas casas. Porém, até hoje isso ainda não aconteceu (*idem*, p. 375).

Para encerrar, é importante mencionar que a forte dependência do trabalho de Demick nas entrevistas de desertores pode ser de alguma forma questionada. Porém, como a Coreia do Norte é completamente fechada a jornalistas e pesquisadores, não há outra maneira de contar

⁴ A península coreana foi dividida ao longo do paralelo 38 depois da Guerra da Coreia (1950-53), sendo a demarcação posteriormente retificada pela criação da Zona Desmilitarizada.

histórias de vida daquele local. Ao final do livro, a autora explica que as histórias corroboraram com eventos publicamente relatados e cruzados com relatórios de organizações não governamentais, além de relatos de outros desertores (*idem*, p. 390). Atualmente, a única alternativa, além das já utilizadas, é esperar que um dia o regime da Coreia do Norte venha abaixo para sermos capazes de compreender por nós mesmos o que de fato ocorreu lá.

Referências Bibliográficas

ABREU, Marcelo. *Viva o grande líder!* – Um repórter brasileiro na Coreia do Norte. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

DEMICK, Barbara. *Nada a Invejar* – Vidas comuns na Coreia do Norte. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARX, Karl. F. Engels. *Manifesto Comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2006.